



ISSN 1981 - 3031

A RELAÇÃO MULHER-PROFISSÃO DOCENTE: UMA CRÍTICA À MATERNAGEM INTRÍNSECA AO DISCURSO

Camila Silva (UFAL)
miluxafs@gmail.com

Carla Nascimento (UFAL)
gillyanecleo@gmail.com

RESUMO

A partir de um estudo exploratório realizado em uma escola pública de Maceió/AL, algumas questões, inicialmente não contempladas no projeto, emergiram. As narrativas de determinado ator escolar acabaram trazendo à tona uma discussão que engloba a relação entre profissão docente e maternagem. Percebendo as cargas ideológicas – permeadas pela História, pela cultura e por outras tantas esferas – que marcam qualquer discurso, o presente ensaio se propõe a analisar tais cargas e revelar o caráter reprodutivo de um ideário unicamente materno associado à presença feminina no exercício docente. Para realizar este empreendimento, metodologicamente falando, o percurso analítico contempla uma abordagem qualitativa, pautada em pesquisa bibliográfica, bem como na realização de entrevista semi-estruturada. Nesse sentido, o referencial teórico basilar para este ensaio contempla estudos contemporâneos que sinalizam o fenômeno da *guetização* das mulheres em certas carreiras consideradas exclusivamente femininas.

Palavras-chave: Profissão docente; Maternagem; Representação.

Contextualização do estudo

As reflexões apontadas na presente discussão são oriundas do trabalho desenvolvido na disciplina Projetos Integradores IV (no segundo semestre de 2009) no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Neste caso, o

objetivo do projeto¹ era composto por dois eixos: 1) Gestão escolar; 2) A questão da diferença. Contudo, nos aproximamos do segundo para discutir a negação e banalização da realidade escolar exposta através da linguagem dos atores escolares, o esclarecimento de conceitos como o da violência e o “maquiamento” do termo igualdade em múltiplas dimensões. Com isso o nosso objetivo consiste em problematizar de forma sistemática a fala da diretora de uma escola pública de Alagoas.

Mediante o contato com a profissional, sentimos a necessidade de problematizar algumas narrativas que surgiram nas entrevistas e nas conversas informais. Pois, compreendemos que há uma estreita ligação entre aquilo que se diz com as concepções de mundo dos mesmos. Tais concepções se tornam “verdades” internalizadas nesses sujeitos e influenciam o andamento da escola. Com isso o nosso objetivo consiste em problematizar de forma sistemática a fala da diretora de uma escola pública de Alagoas, apontando a estreita ligação entre as falas e as concepções de mundo da mesma.

O percurso metodológico que possibilitou as argumentações é composto por três etapas: pesquisa exploratória, entrevistas semi-estruturadas e análises de discurso. A pesquisa exploratória foi realizada em um período de três meses atentando o olhar para o cotidiano escolar. Acerca desse olhar, Costa (2002, p. 152) afirma que

pesquisar é um processo de criação e não de mera constatação. A originalidade da pesquisa está na originalidade do olhar. Os objetos não se encontram no mundo à espera de alguém que venha estudá-los. Para um objeto ser pesquisado é preciso que uma mente inquiridora, munida de um aparato teórico fecundo, problematize algo de forma a constituir-lo em objeto de investigação. O olhar inventa o objeto e possibilita as interrogações sobre ele. Assim, parece que não existem velhos objetos, mas sim, olhares exauridos.

As entrevistas foram efetuadas em dias distintos com: a coordenadora pedagógica, a diretora, a professora da EJA e uma conversa informal com o diretor do turno da noite. No entanto, dessa amostragem nos remetemos às falas da diretora, pois se mostraram significativas por demonstrarem nuances que vão além da objetividade do questionamento. A metodologia de análise destas falas parte de um movimento seletivo

¹ Participaram do desenvolvimento do projeto as estudantes: Acsa Carvalho; Alice Correia; Antonia Eunice; Camila Ferreira; Carla Gillyane; Kryslane dos Santos e; Lelaeula dos Santos. Sob orientação da Prof. Ms. Angélica Pereira.

de trechos – sem perder de vista o contexto que estão inseridos – que fazem emergir a temática principal deste trabalho. As falas da diretora em questão também serviram de base para um primeiro artigo, intitulado *Composições do cotidiano escolar: narrativas sobre igualdade e diferença*, o qual foi apresentado no *III Congresso Internacional do Cotidiano* realizado no Rio de Janeiro. Portanto, o presente artigo trata de um recorte do primeiro.

Com relação à instituição observada alguns elementos que circundam a mesma merecem destaque, com o intuito de mapear suas principais características, situando o leitor com relação a que tipo de escola tratamos aqui. Sua gerência é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Fica localizada em um bairro periférico na cidade de Maceió-AL, com uma estrutura física considerada de grande porte, pois contém: 42 turmas (distribuídas em três turnos), 1600 alunos, 81 professores e alguns auxiliares (administrativo, disciplinar e servidores). A clientela atendida pela escola é constituída de crianças, jovens e adultos de baixa renda oriundos da própria comunidade e bairros circunvizinhos.

Concepção histórico-cultural da maternagem

Se observarmos o percurso histórico da nação brasileira teremos uma ampla alusão da construção da identidade da mulher. Esta sempre foi vista como detentora de um perfil materno, que coincidentemente se encaixava com o “ser professora”, pois caminha no entendimento que a mulher tem o “dom” de cuidar e ensinar. Por isto, nada melhor do que unir o útil ao agradável! E é exatamente por isso que a profissão docente, quando se trata da figura feminina, é confundida com a maternagem².

A sociedade brasileira foi constituída de arranjos sociais que forneciam instrumentos efetivos para a perpetuação dos jogos de poder, nos quais as tramas políticas procuravam garantir os direitos da minoria em detrimento da maioria da sociedade que vivia privada das reais condições de dignidade, principalmente as referentes à educação. Nessas tramas a mulher nunca teve voz, pois estes arranjos se comprometiam em silenciá-la. Na metade do século XIX houve o estabelecimento das *escolas de primeiras letras*, cabendo ressaltar que em quantidade avantajada estas

² Para Carvalho e Viana (1995) maternagem é o trabalho relacionado ao cuidado e criação dos filhos e que pode ou não ser exercido pela mãe biológica.

instituições tinham um cunho essencialmente religioso, fornecendo para a profissão docente uma denotação de “sacerdócio”. Poderíamos apontar algumas evidências de extrema importância das construções sócio-históricas, mas problematizaremos nesse contexto a exigência de uma eventual moralidade cabida aos docentes que foi a priori o passo introdutório dos equívocos posteriores. Na virada do século algumas mulheres começaram a questionar sua submetida posição social, já que um dos discursos hegemônico em tramite era que as mesmas tinham de forma pré-estabelecida o grandioso destino de ser mãe, representar o marido, cuidar dos futuros cidadãos, entre outras concepções permeadas por esta via linear. Como frisou Louro sobre as posturas enfáticas dos homens em relação ao papel da mulher na sociedade:

não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações e conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisava ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações futuras. (LOURO, 2008, p.446)

A atividade docente foi iniciada pelos homens onde os mesmos se ocupavam das aulas régias e as mulheres eram necessárias somente para ensinar as classes de meninas nas escolas normais, mas posteriormente de forma surpreendente as escolas estavam formando mais mulheres do que homens, e é neste momento que a profissão docente se configura, ou seja, o magistério transforma-se em trabalho de mulher. O desaparecimento dos homens das salas de aulas deu origem a *feminização do magistério*. Nesse processo alguns pensadores começaram a considerar uma semelhança “natural” da mulher com o ensino, sendo adequado confiar-la a educação escolar das crianças, e logo uma má e irrefletida representação foi designada a mulher, (LOURO, 2008) “ se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, a extensão da maternidade”, e ainda acrescenta que - o argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem “vocação”.

Diante dessa *verdade absoluta* que predominou todo o contexto do século XIX, a maternagem nos mais diversos aspectos denota a figura e as atribuições do ser professora até os dias atuais. É incrível perceber como as produções sócio-históricas impregnam as concepções da sociedade retendo tão eficazmente de um tom verdadeiro

que as mais variadas discussões e inquietações sobre a relação insensata da maternagem com a profissão não se tornam suficientes ao ponto de desconstruir a produção e reprodução de um infeliz ranço histórico que enxerga a docência como algo provindo de uma inspiração divina, pois nos discursos contemporâneos se perpetua o entendimento da categoria docente como um dom dificultando até a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho, entre outros.

Rosemberg e Amado (1992), ao pesquisarem acerca da educação formal destinada às mulheres, concluem que a expansão crescente da educação formal feminina não tem sido suficiente para fazer convergir as carreiras escolares e profissionais seguidas por homens e mulheres. As autoras afirmam ainda que os indícios da diminuição dessa tendência à estratificação sexual das carreiras são extremamente frágeis. Isso porque, historicamente, as mulheres tendem a seguir cursos impregnados de conteúdo humanístico e voltados para as Letras, os quais desembocam seguramente em profissões tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres, tais como: magistério, enfermagem, artes, entre outras.

Essa questão exemplifica a concretude dos discursos disseminados no senso comum que determinam “coisas de menino” e “coisas de menina”. Isso porque é a partir deste visão polarizada – de um lado as coisas masculinas e do outro, opostamente, as coisas femininas – que naturalizamos a dualidade profissional entre homens e mulheres. A mulher, então, assume – mesmo que inconscientemente – um perfil materno e o externa na profissão que lhe cabe.

O discurso em questão: *Eu gosto de vocês como gosto dos meus filhos, mas na hora de dar carão³ eu dou*

O fato da diretora declarar que gosta dos alunos na mesma proporção que gosta dos próprios filhos – o que lhe permite até a atitude de corrigir ou dar carão – revela o caráter materno atribuído à profissão de professora.

A partir dessa problemática apontada pela prática da maternagem, é possível levantar uma discussão sobre o papel do professor (a), do gestor escolar e o próprio papel social da escola. Reconhecendo a importância de ver e considerar o (a) professor

³ No Nordeste, o vocábulo carão é usualmente utilizado para denotar uma bronca, um alerta, um ato de chamar a atenção.

(a) como professor (a) de fato e não assumindo uma identidade familiar. É claro que no exercício docente a afetividade está presente, podendo até favorecer o processo de ensino-aprendizagem, contudo, mesmo no estabelecimento de relações afetivas o (a) professor (a) não perde sua identidade docente.

Na sociedade atual – globalizada, capitalista, desigual – se torna cada vez mais complexo definir com exatidão o papel social da escola. Tradicionalmente à escola era atribuída a função de transmitir o conhecimento historicamente construído pelo homem, porém, essa visão conteudista, propedêutica e reducionista esquece que o papel da escola deve acompanhar a dinâmica e a demanda da sociedade.

O *carão* descrito pela profissional é preenchido de objetivos em relação ao futuro dos (as) alunos (as). Este entendimento fica claro quando a mesma afirma: *vocês têm dois caminhos, um de facilidade que leva ao roubo, às drogas, à prostituição e à morte, e o outro de dificuldade que é aquele que a gente está ouvindo conselho de pai, mãe e professores e vai ser alguém na vida.* É evidente na fala anterior a estreita ligação entre o “caminho certo” a ser percorrido e os conselhos familiares e do (a) professor (a) com a construção da cidadania. Temos a ressaltar nesta a análise a concepção da diretora sobre os próprios alunos, não os reconhecendo enquanto “sujeitos em si”, mas como possíveis futuros cidadãos. Ou seja, o (a) aluno (a) ainda não é cidadão, pois este se encontra no processo de construção de sua cidadania que, posteriormente, será garantida pela escola.

Ainda se referindo aos adolescentes, a diretora demonstra certo temor com relação a tudo que circunda esta fase, pois afirma que *as coisas do mundo* surgem exatamente neste período, tais como: *as drogas, a violência e tudo que não presta.* É necessário reconhecer que à juventude são atribuídas diversas representações negativas⁴, que são socialmente construídas e perpetuadas e, que comprometem a construção de uma identidade autônoma, assujeitando o jovem. Com isso, negamos – e a escola também contribui com tal negação – a real cultura jovem, atribuindo características pré-fabricadas, pré-existentes.

Se uma das missões-chave do sistema educacional é a de contribuir para que os alunos e alunas possam reconstruir a cultura que essa sociedade considera mais indispensável para poderem ser cidadãos e cidadãs ativos/ as, solidários/

⁴ Não queremos afirmar que certas representações não condizem com a realidade dos jovens, porém, o fato de atribuir representações prévias retira a possibilidade concreta de uma construção individual, variável e autônoma da identidade.

as, críticos/ as e democráticos/ as, é obvio que não podemos partir de uma ignorância daqueles conhecimentos, destrezas, atitudes e valores culturais que a juventude valoriza sobre todas as coisas. (SANTOMÉ, 1995, p. 165)

Uma análise de cunho religioso pode ainda ser aferida acerca da narrativa da diretora, isso porque ao denominar como *as coisas do mundo* tudo aquilo que envolve a adolescência, ela acaba reproduzindo uma expressão tipicamente religiosa. Fato que demonstra a influência que os valores morais da diretora em questão exercem sobre suas concepções em seu ambiente de trabalho. Nesse contexto, é necessário lembrar que o ser humano não consegue dissociar sua subjetividade de sua prática diária, produzindo e sendo produzido cotidianamente pelas mesmas.

As narrativas da diretora demonstram o caráter altamente materno que se veicula às mulheres na prática docente. Em nossa sociedade é praticamente impossível não promovermos a direta associação entre o “ser professora” e o “ser mãe”. Um exemplo deste fato, bastante disseminado socialmente, é o nome atribuído às professoras de educação infantil, as mesmas são chamadas de “tias” pelos seus alunos e por toda a comunidade escolar, inclusive pelos pais e pela própria comunidade adjacente. A problemática que se instaura nesta prática já naturalizada diz respeito ao encobrimento da identidade das mulheres professoras, isso porque perpetuamos uma *identidade pronta* para estes indivíduos. Por trás de tal perpetuação está a eterna subjugação da mulher perante a sociedade machista na qual vivemos.

Considerações Finais

Esta análise não se reporta apenas às estruturas macroscópicas da escola, pois sua preocupação está centrada na relação entre as falas dos atores escolares e o cotidiano da escola. Entendendo como estas esferas – as falas e o cotidiano – não apenas dialogam, mas também, em um movimento cíclico, se constroem. A importância em analisar as narrativas advém da possibilidade de enxergar além do que está aparente, ou seja, perceber as cargas históricas, políticas, culturais, filosóficas e sociais que fundamentam determinado discurso.

Mesmo sendo a maternagem uma temática já bastante discutida ao longo dos anos, percebe-se que a mesma se constituiu enquanto paradigma, pois continua sendo

exaustivamente perpetuada nos discursos que tratam da representação da mulher enquanto professora. O que evidencia o quanto o enfoque de gênero é fundamental para se entender as relações socialmente estabelecidas, as quais propagam uma verdadeira *hierarquia sexual* que determina os papéis dos sujeitos.

É salutar compreender os mecanismos que levam à legitimação da associação mulher-profissão docente e, mais mulher-professora-mãe. Pois, partindo desta compreensão, torna-se possível perceber como as relações de gênero se dão no cotidiano escolar – bem como na sociedade em geral – e como tais relações contribuem para a perpetuação de uma verdadeira “predestinação” ligada ao sexo. Aliar a figura feminina unicamente à figura materna é, sem dúvida, traçar previamente seu papel social; é, sem dúvida, retomar (o que talvez nunca foi abandonado) os mecanismos de subjulgação diante de uma predestinação medieval.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília; VIANA, Cláudia. Movimentos sociais por educação: a invisibilidade dos gêneros. **Cadernos de Pesquisa**, n. 76, p. 50-56, fev. 1995.

COSTA, M. V. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, M. V. (org). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary D. (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 80, p. 62-72, fev. 1992.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 159-177.